

## **FESTA E O MODERNISMO**

### **THE FEAST AND MODERNISM**

*Cláudia Beatriz Carneiro ARAÚJO\**

**Resumo:** O presente artigo pretende situar o grupo de *Festa* no contexto do início do século XX como uma das correntes literárias que fizeram parte da fase inicial do Modernismo brasileiro, apresentando suas características mais importantes, bem como, o projeto estético e ideológico que manteve o grupo de intelectuais, críticos e poetas unidos em torno de um mesmo ideal por mais de uma década. Para isso, será feita uma apreciação crítica da revista *Festa*, utilizada pelo grupo como veículo de divulgação e legitimação de suas ideias.

**Abstract:** This article seeks to situate the group the Feast in the context of early twentieth century as one of the literary currents that were part of the initial phase of Brazilian Modernism, with its most important features, as well as the aesthetic and ideological project that has kept group of intellectuals, poets and critics united around a common ideal for over a decade. For this, there will be a critical assessment of the Feast journal, used by the group as a vehicle for dissemination and legitimization of their ideas.

**Palavras-chave:** modernismo, *Festa*, tradição.

**Keywords:** modernism, the *Feast*, tradition.

### **Momento de renovação estética e ideológica na literatura brasileira**

No início do século XX, vários grupos de vanguardas artísticas surgem na Europa. O momento histórico pelo qual passava a humanidade (modernização das cidades, novos meios de consumo cultural e ainda, conflitos entre países, como Primeira Grande Guerra) é refletido na arte e na literatura, transformando-as em um espaço onde emergem, ao mesmo tempo, várias concepções inovadoras. Isso ocorre devido à dissonância que havia entre o novo modo de vida da sociedade industrial e as técnicas e teorias estéticas que não conseguiam mais traduzir a realidade do momento. Tal fato leva à busca incessante por novas formas de se expressar, confirmando a

---

\* Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, em 2012. Professora da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Contato: claudiabeatriz31@yahoo.com.br.

necessidade inerente do homem de manifestar, através da arte e da literatura, a visão do mundo que o cerca.

Característica marcante, comum a todas as vanguardas artísticas, era o desejo compulsivo da diferença e da negação do passado. Tal fato está intimamente ligado aos modernos meios de produção, à nova forma de consumo e à ideologia progressista legada pela revolução industrial, colocando em voga a “ideologia do novo”. Já no que tange às divergências entre elas, limitando-se à literatura, destaca-se o projeto estético (renovação da linguagem) e o projeto ideológico (interpretação da realidade, *visão de mundo*), que as diferenciam. Das mais importantes no campo literário, estão o Expressionismo, o Cubismo, o Futurismo, o Dadaísmo e o Surrealismo.

No Brasil, as vanguardas européias foram incorporadas na literatura de maneiras diferentes, formando correntes literárias distintas, sendo na estrutura formal o ponto de maior sintonia com suas propostas estéticas. No entanto, há no Modernismo brasileiro uma corrente que se desprenderá das outras, negando essas tendências trazidas da Europa. Nesta, a corrente *espiritualista*, predominará a forma fixa da tradição. Já no que se refere ao conteúdo, o Modernismo brasileiro se particularizou das vanguardas, voltando-se à realidade nacional.

Das correntes literárias formadas no início do século XX no Brasil, destaca-se a corrente *primitivista* de Oswald de Andrade em São Paulo, um dos responsáveis pela Semana de Arte Moderna de 1922, a qual inaugurou o Modernismo no país. E em lado oposto, a corrente *espiritualista*, que se formou em torno de Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro. Enquanto na primeira reuniam-se escritores que buscavam explicar o Brasil, voltando-se às suas origens, aspirando construir a identidade nacional de seu povo; a segunda, sem romper completamente com o passado, buscava, através da espiritualidade, compreender a modernidade e indagar sobre o destino do homem. Os *primitivistas* tinham como projeto a renovação radical da estética e a redescoberta da identidade brasileira por um processo de retomada cultural. Os *espiritualistas* buscavam, via literatura, restaurar os valores morais perdidos na praticidade dos dias modernos, através da valorização do espírito humano.

Várias outras correntes literárias se formaram, tendo como divergências entre si mais o projeto ideológico que o estético. Todavia, pretende-se neste artigo, apresentar e refletir sobre as características e forma de manifestação do grupo *espiritualista*, tendo discorrido superficialmente sobre outros grupos literários apenas com o intuito de situá-lo no contexto em que se inseria, já que o primeiro momento do Modernismo brasileiro se fez em meio às turbulências das concepções inovadoras que surgiram e buscavam incessantemente se afirmarem como tais.

### **Resquícios da tradição no Modernismo**

A corrente modernista espiritualista carregava fortes traços simbolistas, além de defender uma visão de arte ligada ao Espírito. Segundo Hauser (HAUSER, 1998, p. 958), os impactos da 1ª Guerra Mundial foram sentidos por todos, levando a um sentimento de desilusão geral, uma falta de confiança no próprio homem. A atmosfera de desespero instaurada leva, então, o homem a buscar, no passado, elementos para alimentar a mente e o espírito.

Se o grupo dos escritores da Semana de Arte Moderna, diante da inconstância da Modernidade, voltou-se para o passado com o intuito de justificar um projeto para o futuro, o grupo *Festa* se particularizou por tomar uma direção inversa: segurou-se no passado com o intuito de restaurar os valores perdidos no presente. Ambos, espiritualistas e primitivistas, tiveram o projeto político-ideológico, que sustentava o grupo, concretizado pelo projeto estético. Os últimos encontraram na própria linguagem a saída para dizer o indizível, afastando-se do referencial externo; os primeiros se afirmaram, justificando o não rompimento com o passado, no que tange à forma, como escreve Tasso da Silveira, no poema-manifesto, publicado no primeiro número da revista *Festa*:

Mas vemos igualmente os espíritos legítimos no seu posto imutável.  
E apuramos o ouvido ao brado de alerta das sentinelas perdidas.  
E sentimos à flor do solo o frêmito das subterrâneas correntes  
de força viva, que serão captadas  
pela sabedoria divina na hora próxima das construções admiráveis.  
(SILVEIRA, Tasso da. *Festa*, Rio, nº 1, ago. 1927)

Compreendiam que, para inovar, era preciso primeiro conhecer e compreender os antigos modelos, ou seja, era necessário dialogar com o passado. Portanto, defendiam uma modernidade nascida a partir da continuidade, não da ruptura.

Para o grupo, a arte estava ameaçada pelo materialismo e pelo cientificismo que estavam atrelados ao processo de modernidade. Via a atualidade como um momento de desordem, tumulto, mas, também, propício para repensar e reorganizar os impactos do passado:

Nós temos uma visão clara desta hora.  
Sabemos que é de tumulto e incerteza.  
E de confusão de valores.  
E de vitória do arrivismo.  
E de graves ameaças para o homem.  
(SILVEIRA, Tasso da. Festa, Rio, nº 1, ago. 1927)

Criaram, então, um projeto estético e intelectual voltado para a renovação e valorização do espírito, como escreve Tasso da Silveira no poema-manifesto já citado: “E a arte deste momento é um canto de alegria, uma reiniciação na esperança, uma promessa de esplendor.” (SILVEIRA, 1927)

O movimento se opunha às outras tendências modernistas pela visão de fundo espiritualista e filosófico, representando a expressão de uma unidade artística universalista que propunha repensar e redefinir o conceito de coletividade numa arte transcendental. Assim, conforme Antonio Cândido (1965, p.135), o grupo espiritualista, diante da ameaça aos valores tradicionais, trazida pelos modernistas primitivistas, reage no sentido de uma preservação, ou reajustamento de valores sociais, políticos e ideológicos:

E ouvimos o suspiro de alívio  
da mediocridade finalmente desprimida:  
da mediocridade que, aproveitando o desequilíbrio de um instante,  
ergueu também a sua voz em falsete,  
e encheu o ar de gestos desarticulados  
e proclamou-se vencedora,  
na ingênua ilusão de que as barreiras que a continham  
tomaram para sempre [...] Mas sabemos, também,  
que não é esta a primeira hora de agonia  
e inquietude que a humanidade vive.

(SILVEIRA, Tasso da. *Festa*, Rio, nº 1, ago. 1927)

Entretanto, a renovação que a corrente espiritualista propunha, na sua fase inicial (1919), não foi relevante por não se separar totalmente da tradição e, também, pelo surgimento de outras correntes modernistas mais radicais e fortes, sendo, que somente em 1927, com a publicação da revista *Festa*, divulgadora da estética e ideologia do grupo, as propostas espiritualistas tiveram uma maior disseminação, chegando a ser até mais aceitas que as propostas dos outros grupos, pois estes, por serem muito radicais na proposta de ruptura com a tradição, chocavam e não eram bem compreendidos pelos brasileiros leitores do início do século.

### **Entra em cena a revista *Festa***

Depois de várias tentativas, o grupo de Tasso da Silveira concretiza o ideal de ter seu próprio espaço para divulgar suas propostas, a revista *Festa*. Antes desta, o grupo, agora intitulado como grupo de *Festa*, havia colocado em circulação a revista *América Latina* (1919), a revista *Árvore Nova* (1922) e a revista *Terra do Sol* (1924), mas nenhuma foi tão duradoura e legitimadora do grupo, como *Festa*.

A revista teve como idealizadores Tasso da Silveira e Andrade Muricy. Também fizeram parte do grupo Adelino Magalhães, Barreto Filho, Brasília Itiberê, Henrique Abílio, Lacerda Pinto, Abgar Renault, Wellington Brandão, Cardilho Filho e Murilo Araújo. Como colaboradores freqüentes participaram Cecília Meireles e Tristão de Ataíde. Além da participação eventual de autores como Carlos Drummond de Andrade, Francisco Karan, Carlos Chiacchio, Gilka Machado, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Plínio Salgado, Mário de Andrade e Nestor Vitor. Seus ilustradores mais importantes foram Correia Dias, Cecília Meireles, Ismael Nery e Manuel Santiago.

*Festa* se desenvolveu em duas fases: a primeira, em que foram produzidos doze exemplares, vai de 1º de agosto de 1927 a 15 de setembro de 1928; a segunda fase, composta de nove números, vai de julho de 1934 a agosto de 1935. Na primeira fase, recebeu o subtítulo de “Mensário de pensamento e de arte”, representando seu período mais importante, pois, inserida no contexto da década de vinte, participa de um diálogo com as demais correntes modernistas, ou seja,

como era composta por um grupo que destoava estética e ideologicamente dos demais, seu espaço era utilizado para divulgar suas propostas e até mesmo como lugar de “disputa/debate” com as demais tendências modernistas.

Como forma de ilustrar o tipo de debates e disputas existentes no interior do movimento modernista e que ganhava forma na revista, segue abaixo o trecho em que Mário de Andrade escreve para o mensário (nº 6), no qual critica e, ao mesmo tempo, reconhece o valor do grupo de *Festa*:

Talvez mesmo devido a preocupações de ordem espiritual um pouco abstrata que o animam, tem um grupo de literatos no Brasil, que vem passando por demais na sombra. Esse grupo afinal resolveu chamar a atenção do brasileiro leitor para ele e está publicando uma revista, Festa. Fez muito bem. Se mais ou menos ele vivia na sombra, não se pode culpar disso os que viviam chamando a atenção, conseguindo em um momento quase monopolizar a preocupação literária brasileira. [...] A agitação, a vida nova principiou com essa gente. É possível que o pessoal de Festa não carecesse do movimento modernista para ser o que é. Mas, é incontestável que vivia apagado, numa torre de marfim, muito orgulhosa e isolada (ANDRADE, Mário de. Festa, Rio, nº 6, jan. 1928).

Em resposta a Mário de Andrade, Tasso da Silveira, no próximo número (nº 7), escreve um artigo. Segue abaixo trechos destes:

Mário de Andrade escreveu sobre Festa uma página de homem. De adversário, mas de homem. Simpatia à beça, como ele próprio diria. Mil gracias! Contudo ponhamos as rodas nos eixos. Mário afirma algumas coisas que não podem passar em branco.

A primeira e mais importante, é que o grupo de Festa vivia apagado, à parte (antes do aparecimento da revista), e que a agitação, a vida nova, principiou com a gente da semana de arte moderna. Para ele, nós entramos na dança agora. Na hora de repartir os proveitos. Manhosamente [...] Ora, a verdade é que o grupo de Festa, pelo menos por alguns de seus elementos, vem atuando intensamente, sempre no mesmo sentido, desde 1919, menos característico do que hoje. Mas já dentro do rumo largo que se abriu a golpes fundos de tenacidade espiritual (SILVEIRA, Tasso da. Festa, Rio, nº 7, fev. 1928).

Na segunda fase, a revista recebe o subtítulo de “Revista de arte e de pensamento”, valorizando mais as artes em si do que a discussão teórica. As reflexões sobre modernidade e nacionalismo, em diálogo com outros modernistas, perdem sua força no ambiente literário brasileiro, cedendo espaço na revista para a divulgação da produção literária.

O nome da revista foi inspirado no título do romance *A Festa*, de Tasso da Silveira, publicado no ano anterior. Causa de várias críticas, já que a revista se impunha pelo tom de séria reflexão crítica, afastando-se do espírito brincalhão de *Klaxon* ou da alegria irônica de Oswald de Andrade na *Revista de Antropofagia*. Diante de tais críticas, Tasso da Silveira responde, no nono número da revista, a uma crítica vinda de Oswald de Andrade:

Um dos líderes do cendrarsismo nacional, vulgo pau Brasil, perguntou-nos em carta por que fazemos “uma festa tão triste”... (ô meu querido Brasília Itiberê: manda um pouco das tuas tintas de sol para iluminar as paisagens anêmicas das novelas russas de Oswald...) Oswald: eu escrevo as minhas páginas mais graves em alegria. Porque a alegria é grave. E danço maxixe como ninguém... Mas detesto a ironia, porque é dos cétricos. E detesto a galhofa imbecil, porque é dos entediados e vazios (SILVEIRA, Tasso da. *Festa*, Rio, nº 9, abr. 1928).

O grupo de *Festa* reivindica, com a publicação da revista, para o Rio de Janeiro (na verdade para si), a prioridade na renovação da arte brasileira, em oposição ao que estava sendo feito, ou tinha sido feito pelo grupo de Oswald de Andrade e outras correntes literárias desde a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Pois, apesar de atuarem desde 1919 como um grupo coeso, é somente com a revista *Festa*, que eles ganham voz.

### **Espiritualidade e catolicismo**

A maioria do grupo de *Festa* se identificava com a filosofia da Igreja Católica. O convívio com Jackson de Figueiredo, divulgador da doutrina católica, e com Nestor Vitor, o principal crítico do Simbolismo, contribuiu para a tendência espiritualista e para os traços

simbolistas remanescentes no grupo. Eles defendiam a ideia da renovação do indivíduo por meio de mensagens positivas, acreditando na necessidade de levar conforto ao homem comum e restaurar os valores morais que se perdiam na modernidade.

Tasso da Silveira foi um dos que melhor representou as características do grupo em sua poesia. No poema-manifesto, já apresentado em alguns trechos neste artigo, é possível identificar a expressão de sentimento cristão no conjunto de elementos que o compõe, passando uma mensagem de fé e de esperança ao leitor, pois, “a hora é de agonia e inquietude [para aqueles] que se esqueceram de Deus; [porém, a arte que anuncia vem trazer] um canto de alegria, uma reiniciação na esperança, uma promessa de esplendor”. (SILVEIRA, 1927)

Cecília Meireles, ao contrário de Tasso da Silveira, fez fortes oposições à ideologia católica, inferindo que nem todos do grupo *Festa* estavam em sintonia no que tange à religião. Na verdade, o que o grupo tinha em comum era “O desejo de valorização do espírito humano em detrimento da ordem capitalista burguesa.” (LAMEGO, 1996)

O que mais irá identificar a poesia de Cecília ao grupo de *Festa*, nas primeiras décadas como escritora, é o tradicionalismo estético, em que a autora privilegia as formas poéticas clássicas, a riqueza do léxico e uma linguagem sensorial, que explora os símbolos e as imagens sugestivas; além de cultivar uma poesia reflexiva, de fundo filosófico. A escritora, assim como o grupo *Festa*, representa o moderno através da retomada da tradição.

O epigrama nº 5 é um bom exemplo do que foi colocado: Cecília Meireles toma o clássico, transpondo-o como moderno, ou seja, ela utiliza de uma forma tradicional para preenchê-la com material poético moderno. É possível então, ver algo simples, banal, transformado pelo olhar subjetivo da escritora, em algo metafísico:

Gosto da gota d'água que se equilibra na folha rasa,  
tremendo ao vento.

Todo o universo, no oceano do ar, secreto vibra:  
e ela resiste, no isolamento.

Seu cristal simples reprime a forma, no instante incerto:

pronto a cair, pronto a ficar – límpido e exato.

E a folha é um pequeno deserto  
para a imensidade do ato  
Melhores... (1984).

A gota d'água aparece como metáfora do universo. É o sublime no aparentemente banal. Ela é ao mesmo tempo universo e solidão, configurando-se no próprio sujeito, que ora aparece numa relação harmônica com o objeto, ora está em disjunção com este, ora é o próprio objeto. Assim Bosi (1994, p. 515) situa Meireles no grupo Festa: “Com Cecília Meireles, a vertente intimista, [...] afina-se ao extremo e toca os limites da música abstrata.”

Outros nomes, como de Murilo Araújo, Abgar Renault, Francisco Karan, dentre outros integrantes do grupo, também conseguem refletir em suas poesias a proposta do grupo, mas não com a mesma intensidade que Tasso da Silveira e Cecília Meireles; ressaltando que esta começa a se desvincular do grupo a partir da década de trinta, chegando à década de quarenta a superar a influência que absorveu da estética *espiritualista*.

### **Traços estéticos da revista *Festa***

O grupo de *Festa* fez parte do grupo modernista do início do século, pois, assim como outras tendências da época, possuía uma proposta de renovação estética que se propunha a traduzir a modernidade em toda sua complexidade. Porém, foi distinto das outras vertentes modernistas na forma como se colocou diante dessa realidade e como buscou representá-la. Analisando os traços estéticos presentes na revista *Festa*, é possível ter uma visão ampla de como se concretizou este projeto.

*Festa* seguiu a mesma linha das revistas de caráter modernista da época, como a famosa *Klaxon*. Durante sua primeira fase (1927-1929), o título variava de cor a cada nova edição e a elegância era traço marcante de sua capa. A revista trazia seu nome em letras grandes, porém minúsculas. Nota-se então, a preocupação do grupo pela boa recepção do periódico.

Ao analisar os artigos que eram publicados na revista, também se tem uma visão do pensamento do grupo sobre a arte e a literatura.

Andrade Muricy (1928) tem em uma das publicações um artigo muito comentado, com o título de “A crise da prosa”. Este artigo apontava a crise (no sentido de mudança) que a prosa estava sofrendo com o processo de modernização que englobava vários campos da arte e da sociedade como um todo. A poesia, segundo ele, estava sendo produzida de maneira rápida e constante, acompanhando o ritmo frenético da modernização:

A poesia, tomando menos tempo para ser aprendida e relativamente menos tempo para ser grafada (não digo concebida), parece convir particularmente ao espírito deste momento, ao triunfo atual, absoluto, do efêmero, da máquina [...], do dinamismo exterior [...] (MURICY, Andrade. Festa, Rio, 1928).

Como foi citado, diferentemente de outras revistas e do conceito que temos por revista, *Festa* não tinha apelo comercial, tanto que eram irrisórios os lucros obtidos com anúncios. A proposta, ao criar a revista, era de criar um meio para veiculação das produções artístico-literárias de seus fundadores (grupo de *Festa*). Até mesmo as matérias da revista eram ilustradas pelos seus próprios idealizadores e “produtores”, como Correia Dias, Cecília Meireles, Ismael Nery, Manuel Santiago e outros.

Nas duas fases, *Festa* firmou-se como um periódico de arte e pensamento, confirmando a diversidade de matérias que abrigou e também o teor das informações sobre a situação do mundo intelectual que buscou divulgar. Não só eram publicadas poesia e prosa, mas também análises e informações sobre o que ocorria em diversos campos da produção cultural, principalmente em música e artes plásticas.

Além de vários artigos de caráter crítico à literatura, as temáticas dominantes em *Festa* eram: Espiritualismo, Modernismo, Música, Nacionalismo, Rio de Janeiro/São Paulo e Comunismo.

Tasso da Silveira, no editorial da primeira edição de *Festa*, expõe a proposta da revista. Eis um trecho:

Nós temos uma visão clara e certa.  
Sabemos que é de tumulto e incerteza.  
E de confusão de valores.  
E de vitória do arrivismo.

E de graves ameaças para o homem.

Mas sabemos, também, que não é esta a primeira hora de agonia e inquietude que a humanidade vive.

[...] Nós temos a compreensão nítida deste momento.

Deste momento no mundo e deste momento no Brasil.

Vemos, lá fora e aqui dentro, o rodopio dos sentimentos em torvelinho trágico (SILVEIRA, Tasso da. Festa, Rio, nº 1, ago. 1927).

No trecho acima, é perceptível a inquietude em que estava o homem no início do século vinte, principalmente no que tange à transição de conceitos artísticos “confusão de valores”, questionamento sobre conceitos e valores do homem, refletidos na vertente espiritualista do grupo. É também em relação às vanguardas europeias influenciadoras da essência revolucionária do grupo modernista a que Tasso se refere quando usa “tumulto” e “rodopio de sentimentos em torvelinho trágico”. *Festa* tinha como proposta a produção artística moderna sem romper na totalidade com o passado. As vanguardas não eram, portanto, manifestações artísticas convergentes ao espírito da revista, mais ainda, a “confusão” e “tumulto” causados pela falta de entendimento da arte vanguardista instigava o grupo de *Festa* a se modernizar sem os mesmos *efeitos colaterais* vanguardistas.

### **Fim de *Festa***

A revista, como outras que circulavam, não possuía caráter comercial. Todas as revistas de arte, ciência e pensamento da época passavam por imensas dificuldades financeiras, pois era pequeno o número de leitores no Brasil. Mantendo-se apenas por um número pequeno de assinaturas e anúncios e, principalmente, pela ajuda daqueles que tinham interesse na divulgação de suas ideias, muitas desapareciam logo após os primeiros exemplares. No entanto, algumas vezes, por trás de uma dessas revistas tinha um mecenas que contribuía para sua periodicidade e duração, como foi o caso de *Festa*, que era mantida inicialmente pelo mecenato do médico paranaense Moysés Marcondes, amigo de Nestor Vitor.

A Revista *Festa*, em sua segunda fase (julho 1934 – agosto 1935) de publicação, tornou-se menos combativa e mais informativa e

didática, dedicando-se mais à música, romance, poesia e crítica literária.

O romance regionalista toma uma proporção maior nesta época, década de 1930, sendo *Festa* meio de publicação de elogios aos trabalhos de José Lins do Rego e Lúcio Cardoso, entre outros e, crítica ao engajamento político contido nas obras de Jorge Amado e Graciliano Ramos.

*Festa* manteve, nas nove publicações da segunda fase, o tom nacionalista e católico-espiritualista, deixando claro que o grupo de *Festa* não foi e nem seria influenciado pela nova vertente da literatura brasileira moderna que ia crescendo.

Os motivos de seu fim não são claros, mas em agosto de 1935 foi publicado o seu último exemplar. Pistas sobre um possível esfriamento na produção de *Festa* são dadas ainda em sua primeira fase, no n°13 de 1929. Tasso da Silveira e seus companheiros escritores da revista mantêm ao longo dessa edição um tom de satisfação e dever cumprido. O Editorial do n°13, intitulado de “Batuque para começar”, faz um balanço do ideal de *Festa* e como a mesma havia conseguido chamar atenção no primeiro ano de circulação. Na seção “Panorama”, Tasso reconhece que passara o período de polêmicas e dos grupos.

Seu fim, em 1935, pode ser então atribuído à falta de necessidade combatente, de afirmação e sobreposição de um ideal a outro, sendo valorizada, nas publicações da segunda fase, a arte propriamente dita.

## **Conclusão**

Com o presente artigo, tivemos a intenção de apresentar e esclarecer alguns aspectos do grupo de *Festa* e da Revista homônima, com o intuito de mostrar a maneira como o Modernismo foi representado pelas várias vertentes literárias que surgiu no país, mantendo cada uma suas particularidades.

*Festa* apresentou essência moderna ao trazer elementos novos para revisitar o tradicional, sendo veículo também para abordagem artística em geral possibilitando a publicação de vários artistas do período.

O conceito de moderno que causa impacto e susto não foi incorporado por *Festa*. Assim, o tom dinâmico e positivo da revista fez com que suas duas fases e as vinte e duas publicações fossem bem recebidas pelo público leitor.

### **Referências**

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LAMEGO, Valéria. *A Farpa na lira: Cecília Meireles na revolução de 30*. São Paulo: Record, 1996.

MEIRELES, Cecília. *Melhores poemas*. São Paulo: Global Editora, 1984.

*Recebido em 15 de outubro de 2010*

*Aceito em 18 de dezembro de 2010*